

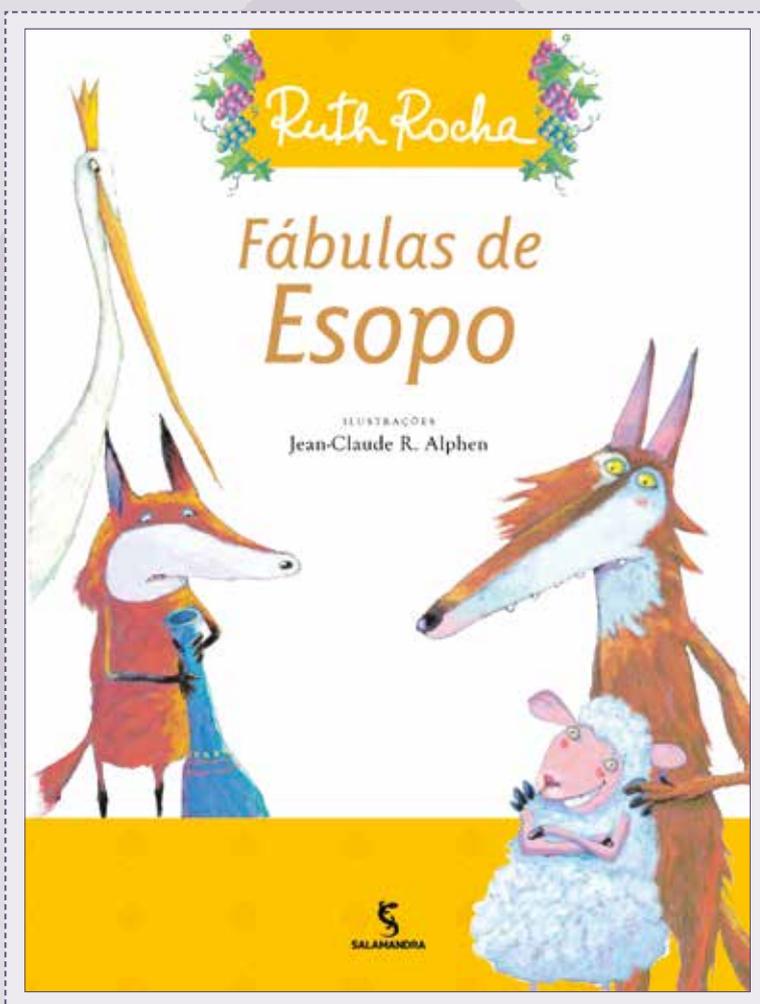
Material de apoio ao professor
Contextualização da obra

Fábulas de Esopo

Ruth Rocha

Ilustrações de Jean-Claude R. Alphen

Coordenação pedagógica Maria José Nóbrega



De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso, “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Ruth Rocha, a autora de *Fábulas de Esopo*



Ruth Rocha nasceu em São Paulo, capital, onde sempre viveu. É graduada em Sociologia e Política pela Universidade de São Paulo e pós-graduada em Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Antes de ter revelado seu incomparável talento como escritora de livros infantis, nesses quase 50 anos de literatura, foi orientadora educacional e editora.

É uma das mais premiadas autoras da literatura infantil brasileira. Tem hoje mais de cem livros publicados no Brasil e vinte no exterior, em dezenove diferentes idiomas.

A obra

Uma raposa faminta deseja as lindas uvas que pendem do alto de uma parreira. Depois de muito saltar, sem conseguir alcançá-las, a raposa se afasta e conclui: *as uvas estão ainda verdes e azedas, não as queria mesmo.*

Assim pode ser recontada *A raposa e as uvas*, uma das narrativas presentes no livro de Ruth Rocha e uma das mais conhecidas e lembradas quando o assunto é a fábula – gênero textual cujos textos figuram entre os grandes clássicos da literatura universal e que se constitui de duas partes: uma breve narrativa alegórica ou ilustrativa, seguida do ensinamento moral que dela se pode extrair.

Quase uma anedota cujo assunto não é mais do que um pequeno e irrisório incidente, a fábula, muitas vezes, extrai da simplicidade e da concisão a sua contundência; desperta a atenção crítica por meio do riso constrangido que provoca.

Qual é a moral que se pode deduzir de *A raposa e as uvas*, que vamos usar de exemplo neste breve resumo? Isso depende da fonte consultada pelo leitor e de sua própria reflexão.

Gênero textual nascido da cultura oral, a fábula evoca sempre o problema da multiplicidade de versões. Segundo

a versão atribuída a Esopo (século VI a.C.), considerado o fundador do gênero e que, no entanto, não registrou de próprio punho nenhuma das fábulas das quais seria autor, *A raposa e as uvas* sugere a seguinte moral: aquele que culpa as circunstâncias fracassa e não vê que o incapaz é ele mesmo.

O fabulista romano Caio Júlio Fedro (século I) conferiu à mesma fábula uma moral com sentido semelhante ao elaborado por Esopo, porém, registrou-a em tom de conselho.

Jean de La Fontaine (1621-1695), escritor francês que se tornou um dos grandes difusores das fábulas de Esopo, quando registrou *A raposa e as uvas* complementou a moral com uma queixa conformada, que pode ser enunciada com a breve pergunta: “O que fazer a não ser resmungar?”.

Na versão de Monteiro Lobato (1882-1948), uma das mais conhecidas no Brasil, a história da raposa e das uvas ilustra perfeitamente o seguinte dito popular: quem desdenha quer comprar.

Já o humorista, desenhista e escritor Millôr Fernandes (1923-2012) recontou a célebre fábula de Esopo enfatizando no comentário moral a ideia de que a frustração pode ser uma forma tão boa de julgamento quanto qualquer outra.

Comentários sobre a obra

Em *Fábulas de Esopo*, Ruth Rocha reconta vinte histórias atribuídas ao escravo grego, optando por suprimir o comentário de fundo moral. Desse modo, nas fábulas incluídas nessa antologia, é o leitor que vai construir, por meio de suas próprias reflexões e interpretações, o ensinamento moral que a narrativa suscita. Estratégia instigante que incita o leitor a ser também um ativo criador.

Quadro-síntese

Gênero: Obras clássicas da literatura universal.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências.

Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; educação em direitos humanos; vida familiar e social.

Público-alvo: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.